

## A Moça do Tempo

Muitas vezes a "moça do tempo" do telejornal nos dá uma previsão terrível para a próxima semana. Chuvas, tempestades, chance de granizo e possivelmente alagamentos. O telespectador, prevenido, naturalmente sai de casa munido de galocha e com vestuário adequado. Até investe uns trocados num guarda-chuva novinho em folha. E o que acontece? Absolutamente nada. Um sol tímido, porém persistente. Trata-se da incerteza da meteorologia. **É o que parece estar começando a ocorrer nos mercados financeiros neste começo de 2012.**

Como sabemos, 2011 terminou sob os piores agouros para o novo ano que entrava. **Os investidores fizeram como o prevenido telespectador e se prepararam. Venderam ativos de risco pelo mundo e se abrigaram, na sua maior parte, nos títulos do tesouro americano.** Pelo visto, ao menos em janeiro, só faltou combinar com os russos. Tivemos uma seqüência de boas notícias animadoras. Nada de solução final para a crise de 2008, mas um belo alento de curto prazo.

**Nos Estados Unidos, o desemprego caiu para 8,5% e o PIB aparentemente fechou 2011 com crescimento de 1,7%.** Não é um número polpudo, mas é uma adição significativa para uma economia de USD 15 trilhões. Para 2012 já se prevê um crescimento mais robusto, de 2,5%. No mundo corporativo cerca de 200 empresas do SP500 já reportaram os resultados do último trimestre de 2011 e nada menos do que 65% das empresas superaram as expectativas. Nada mal.

Da China também tivemos notícias que fizeram a moça da previsão do tempo corar (de vergonha!). O Império do Meio entregou um crescimento de 9,2% do PIB em 2011. Bom número, podendo ser considerado um pouso suave (ante 10,4% de crescimento em 2010) com inflação em queda. **Os chineses fizeram um belo gol, de novo.**

E no epicentro do problema, a Europa. **Se a solução do problema não surgiu, ao menos podemos aplaudir uma mudança na maneira de agir do Banco Central Europeu, que consideramos como um divisor de águas.** No fim de 2011, houve (e já há outro agendado para fevereiro) um leilão onde o BCE ofertou aos bancos europeus empréstimos ilimitados (exatamente isso que você leu) por 03 anos cobrando a maternal taxa de 1% ao ano. Já nesta primeira rodada os bancos europeus absorveram a rechonchuda quantia de EUR 490 bilhões.

O resultado dessa operação (também conhecida como afrouxamento quantitativo) foi que os bancos (de cofre cheio) começaram a comprar títulos de dívida dos países com maior problema, e esses papéis tiveram suas taxas de juros reduzidas e

sua demanda nos leilões cresceu. Com isso afastou-se (por hora) o grande temor de uma grande crise de crédito onde países poderiam ficar sem caixa por simples falta de financiadores. **Tanto de um lado, quanto de outro do oceano atlântico (vide gráficos) notamos ambos os bancos centrais jogando dinheiro na praça para combater a crise e fazer o crédito fluir.**

**O mercado, tal qual o auditório do Sílvio Santos, ficou animado com os aviõezinhos de dinheiro do FED e do BCE e os ativos de risco tiveram uma bela apreciação ao redor do Globo.** Um exemplo disso foi a captação de recursos em dólar por empresas brasileiras. Até quem não tem tradição de captar neste mercado, como o estatal banco gaúcho Bannrisul participou da festa e sua colocação de USD 500 milhões teve uma demanda de quatro vezes a oferta. Nossa visão segue como a de um mundo sem rupturas, sem soluções e mantido de pé pela morfina dos bancos centrais.

Moedas. Num cenário de médio prazo que já está dado com o FED avisando que as taxas de juros ficam perto de zero até 2014 e o BCE injetando uma pilha ilimitada de dinheiro por pelo menos mais 3 anos, **a tendência clara é de valorização de moedas como o Real diante de moedas como o dólar e o euro.** O nosso valoroso Ministro Mantega continuará tendo muito trabalho tentando enxugar gelo.

Juros. O presidente do Banco Central está sendo cotado para a equipe olímpica de arco e flecha. Afinal cravar um IPCA de exatos 6,500000% em

2011 (bem no teto da banda de inflação) é uma tarefa (micro) cirúrgica. Curioso que, logo após fechar o ano bem longe da meta oficial (que já é de polpudos 4,5% ao ano), o nosso BC solta um comunicado avisando que vai reduzir a taxa de juros para 1 dígito (hoje está em 10,50% ao ano). **Está relativamente claro que já não há mais uma meta de inflação e sim uma meta de crescimento que o governo persegue a qualquer custo.** Afinal crescimento é sinônimo de votos. Isto posto, fica complicado recomendar investimentos em ativos de renda fixa pós ou pré fixados por conta da taxa de juros artificialmente baixa (e da inflação naturalmente alta). **O que se deve fazer é focar em papéis indexados aos índices de preço. Pelo menos enquanto o IBGE medir de forma fidedigna a inflação.**

Bolsa. Nossa visão continua sendo que a bolsa está barata (vide apreciação com as boas notícias de janeiro), porém sujeita a solavancos. Pela frente, ainda há a renegociação da dívida da Grécia e Portugal e um longo caminho de ajuste interno na Europa. **Recomendamos uma visão mais tática, aproveitando os momentos de aversão ao risco para comprar.**

**Não se deixe levar pela moça do tempo. As vezes a previsão exagera no pessimismo. Mas o fato é que o tempo continuará oscilando. Sem grandes tragédias, no entanto.**

